

# Boletim de Ocorrência



Por  
Celito De Grandi

003

## A primeira morte por tortura

A morte de Antonio Fagundes, em um destacamento policial da Porto Alegre de 1932, é o terceiro caso da série que durante 52 domingos de 2012 vai contar uma história enigmática

Começou com o furto de um carro, já rotina para a polícia, em 1932, quando Porto Alegre tinha mais de 200 mil habitantes.

No final, um crime hediondo.



O industrial Henrique E. Sommer, proprietário do veículo com a placa nº 532, registrou o desaparecimento no Boletim de Ocorrência da 1ª DP. Ele o havia estacionado na Rua General Câmara, próximo à Sete de Setembro.

Era 12 de janeiro.

O carro foi encontrado no dia seguinte, danificado e sem pneus, na Lomba do Cemitério.

Entre os suspeitos presos durante as diligências estava Antonio Fagundes, empregado nas cocheiras da empresa Azevedo, Bento e Cia. Foi denunciado depois de ter oferecido a Valter Kessler uma câmara de ar com o nome de Sommer e o número da placa.

Debaixo da palha, nas cocheiras onde Fagundes também residia com a família, foram encontrados um par de sanefas e um poncho pertencente ao industrial.

Antonio Fagundes foi preso por volta de 11h do dia 14 de janeiro. E por refutar a acusação – afirmava ter recebido os objetos de um conhecido – foi levado para o destacamento policial do Morro Santana.

A determinação do delegado João Pompilio de Almeida Filho foi clara: obter do acusado a confissão, a qualquer custo e, para isso, se fosse preciso, dessem-lhe umas “lambadas”.

À época, o Diário de Notícias explicou os “métodos da polícia”:

“O preso que não quis confessar o crime que lhe foi imputado, porque não deseja ser desmascarado ou porque não o cometeu, é, então, submetido a duras provas. Infigem-lhe, às vezes, maus tratamentos até que ele se decida a dizer alguma coisa que resulte em esclarecimentos para a diligência que a polícia está efetuando.”

Foi o que aconteceu com Antonio Fagundes. E não se limitaram a lambadas. A tortura incluiu correntes e, quando ele desfaleceu, tentaram reanimá-lo com salmoura. Não respondeu, estava morto.

A primeira versão sussurrada por in-

vestigadores foi a de que ele havia se suicidado com as próprias calças, amarradas ao pescoço.

Pouco antes da meia noite daquele mesmo dia 14, no entanto, dois policiais, por orientação do delegado João Pompilio, foram comunicar à mulher de Fagundes que ele havia morrido. Morte súbita.

Ela estranhou, não podia ser. Antonio era um homem forte, saudável. Foi até o necrotério e não conseguiu ver o corpo do marido. O caixão estava fechado com enormes pregos para impedir a abertura.

No cemitério, agora junto com os cinco filhos do casal, ela conseguiu convencer os coveiros. O esquife foi aberto.

Espantada, viu o corpo do marido sem camisa e sem casaco, com inúmeras equimoses e contusões na cabeça, nos braços e no peito



Tão logo soube da morte de Fagundes, o delegado Pompilio foi ao chefe de Polícia e pediu a autópsia do corpo, providência que lhe valeu a absolvição, mais tarde.

Tivesse culpa faria isso?

O chefe de polícia também exigiu abertura de inquérito e, ao final, foram denunciados, além do delegado Pompilio, cinco policiais: o auxiliar Frontino da Costa Brasil, os investigadores Antonio Silveira e José Gama e os guardas Domingos José dos Santos e Alcebíades José de Moraes.

Pompilio foi inocentado, Antonio Silveira estava foragido e os outros quatro torturadores foram condenados a 15 anos de prisão.

Ficaram detidos pouco tempo. Getúlio Vargas, todo poderoso, do Palácio do Catete os indultou no ano seguinte, por razões políticas. Um provável acerto com o interventor do Estado, Flores da Cunha.



É o primeiro caso de tortura e morte denunciado pela imprensa gaúcha, informa o historiador Sérgio da Costa Franco.

O Correio do Povo repetiu o título em várias edições:

Das mãos da polícia para o cemitério.



Reproduções de jornais da época mostram Antonio Fagundes (acima), sua mulher e os filhos (ao lado) e o destacamento policial onde aconteceu a morte (abaixo)



### O crime

**Vítima:**  
Antonio Fagundes

**Época do crime:**  
Janeiro de 1932

**Cidade:**  
Porto Alegre

**Principais suspeitos:**  
um delegado e cinco policiais

**Motivação:**  
tentativa de obter confissão de suspeito de furto